

**A GUERRA DE DRUMMOND:
ÉTICA E POESIA**

Por Moisés Neto

Recife, outubro de 2002

*“EM VÃO PERCORREMOS VOLUMES, /VIAJAMOS E NOS
COLORIMOS./A HORA PRESENTIDA ESMIGALHA-SE EM PÓ NA
RUA./OS HOMENS PEDEM CARNE. FOGO. SAPATOS./AS LEIS NÃO
BASTAM.OS LÍRIOS NÃO NASCEM/DA LEI.MEU NOME É TUMULTO,
E ESCREVE-SE NA PEDRA”*

Carlos Drummond de Andrade

Introdução

Este ensaio busca analisar sob a luz da **ética** alguns poemas contidos nos livros “**Sentimento do Mundo**”, “**José**” e “**A Rosa do Povo**”, respectivamente o terceiro, quarto e quinto livros lançados por Carlos Drummond de Andrade entre 1940 e 1945, período em que a Europa serviu de palco para a segunda guerra mundial e a política internacional se viu envolvida por governos totalitários (de esquerda e de direita).

Na tentativa de romper com sua ascendência oligárquica do interior de Minas, ele era filho de fazendeiro, Drummond tentou manter com as classes menos favorecidas uma relação mais estreita, mais ética, buscando assim no meio urbano, a cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, um elo entre as exigências da vida moderna e o mundo natural. Nas pequenas coisas buscar a “chave”, o caminho para a compreensão da *máquina do mundo*.

Nascido em Itabira, cidade do interior de Minas Gerais em 31 de outubro de 1902, o poeta passou a maior parte da vida no Rio de Janeiro, onde faleceu em 1987. Usou a prosa e o tom coloquial na sua poesia. Na sua lírica os poemas lembram objetos perfeitos, compostos por palavras. Ele refez o seu passado pela poesia. Buscou no seu passado, o passado de todos nós. Seu discurso trabalhado (até no *piadismo*, herança da primeira fase modernista) rompe fronteiras entre o íntimo e o coletivo, usando para isso critérios éticos. Sua solidão era solidária, e não simplesmente uma torre de marfim onde se escondia, protegendo-se da miséria brasileira.

A questão da ética na poesia drummondiana está condicionada ao entendimento do progresso no que ele traz de dignidade ao ser humano em geral e não em termos de evolução tecnológica, por exemplo. Seu discurso refinado, usando imagens do cotidiano brasileiro, questiona o relacionamento entre ricos e pobres, insensíveis e sentimentais. Se muitas vezes pressentimos no itabirano uma necessidade de transformar sua inquietação num objeto, vemos também a transformação das coisas em poesia.

Situado entre uma sociedade artesanal e a cultura de massas, Drummond é o elo entre as lutas sociais e a solidão no sentido mais amplo. Seu *entre-lugar*, não pede choro sobre o leite derramado, mesmo quando ele se mistura ao sangue humano derramado pela injustiça. Seu *entre-lugar* aparenta ser frio e calculista. E foi a partir dali que ele transformou nossas tragédias (íntimas e coletivas) num riso dolorido, esteticamente tão agradável, eticamente quase impecável, cheio de sabedoria e uma, digamos assim, *paradoxal* esperança. Leitor e autor: solitários de mãos dadas.

Conversando conosco mesmo depois de morto, o poeta faz cem anos e seu grito ainda clama pela dignidade no relacionamento humano neste mundo (ainda indiferente aos interesses das minorias, ou, das majorias deslocadas na tentativa pós-moderna da globalização sufocante).

A função social de Drummond – poeta engaja-se a um ritmo frenético que rompe hierarquias lingüísticas que separam ricos e pobres, letrados e menos letrados. Se ele zombou da métrica e da rima, ou se as tratou com respeito, sua mensagem foi como uma estranha flor capitalista: presa entre Gretas Garbos, Manhattan explodindo, Europas literárias, rasgando paredes solitárias dos nossos edifícios.

Este itabirano ainda hoje responde às perguntas deste século vinte e um.

I

O rompimento da dominação incontestada das oligarquias e a ascensão da burguesia industrial, a radicalização da política de segmentos da inteligência nacional, inclusive a adesão de alguns ao partido comunista (Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e outros), marcam o início da carreira de Drummond e o período da literatura brasileira que vai de 1930 a 1945.

A poesia de tensão ideológica, representada pelo poeta mineiro, é fruto de uma tendência que fez prevalecer a ideologia sobre o projeto estético, uma das conquistas do modernismo brasileiro. O espírito e a realidade social do país faziam-se presentes em obras de cunho neo-realista, psicológico ou intimista, eram discutidos em temas universais. Havia um equilíbrio no uso do material lingüístico, em relação às normas de linguagem.

Como um jornalista, Carlos observou. Analisou, discorreu e dialogou com o mundo que o cercava. A economia de palavras, que se apresenta em seu discurso, não afetou seu sentimento de solidariedade e ética que perpassa principalmente a trilogia que agora estamos abordando neste texto.

Cauteloso e desconfiado, nosso poeta, com certa reserva pessimista de *mea culpa* (pois sua *integração* com os excluídos, era, na prática, incompleta), chega quase à negação do ser:

“Quando me levantar, o céu/estará morto e saqueado, /eu mesmo estarei morto, /morto meu desejo, morto/o pântano sem acordes. //Os camaradas não disseram que havia uma guerra/e era necessário trazer fogo e alimento.//Sinto-me disperso,/ anterior a fronteiras,/humildemente vos peço/que me perdoeis(...) Quando os corpos passarem, / eu ficarei sozinho/desfiando a recordação/do sineiro, da viúva e do microscopista/que habitavam a barraca e que não foram encontrados ao amanhecer//este amanhecer mais noite que a noite.” (em “Sentimento do Mundo”)

Sobre uma espécie de conversa com o leitor (“Humildemente *vos* peço”) e universalização da alma de poeta (“anterior a fronteiras”) pairam a solidão

(“eu ficarei sozinho”) e um pessimismo latente (“esse amanhecer/mais noite do que noite”).

O referencial do poeta social, é o sujeito lírico insatisfeito: *“Alguns anos vivi em Itabira./Principalmente nasci em Itabira./Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro(...)Noventa por cento de ferro na s calçadas:/Oitenta por cento de ferro nas almas./E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.//A vontade de amar que me paralisa o trabalho vem de Itabira(...) e o hábito de sofrer, que tanto me diverte,/ é doce herança itabirana(...)Tive ouro, tive gado, tive fazendas./Hoje sou funcionário público./Itabira é apenas um retrato na parede./Mas como dói!”*(em *“Confidência do Itabirano”*). O poeta fala da cidade onde nasceu, transformando-a em referencial para todos os homens: na contemplação de si próprio, o outro.

Nas trincheiras, vigilante analisando a própria existência, o valor, a ética, ironizando os próprios sonhos, aliviando a *tragicidade* existencial com um certo humor, o poeta observa: *“Já não enxergo meus irmãos(..)o amor não abre caminho na noite(...) a noite dissolve as pátrias(...) o mundo não tem remédio.../ os suicidas tinham razão”* (em *“A noite dissolve os homens”*). *“Chegou um tempo em que não adianta mais morrer./Chegou um tempo em que a vida é uma ordem./ A vida apenas, sem mistificação”* (em *“Os ombros suportam o mundo”*).

O conhecimento da injustiça, da incomunicabilidade, traz ao poeta o sentimento de responsabilidade, solidariedade. Aguça o seu senso moral. O horror diante d violência, a necessidade de esclarecimento sobre os valores essenciais para o ser humano(justiça, honradez, espírito de sacrifício, integridade, generosidade) levam o poeta a um juízo de valor , onde interpretar-se é denunciar o que se passa no âmbito histórico-cultural de sua época, de sua existência/experiência.

“Clara passeava no jardim com as crianças/o céu era verde sobre o gramado,/ a água era dourada sob as pontes(...)o mundo inteiro, Alemanha, a China, tudo era tranqüilo em redor de Clara./As crianças olhavam para o céu:não era proibido.(...) o guarda civil sorria(...) havia jardins, havia manhãs naquele tempo”(em *“Lembrança do mundo antigo”*). Céu verde, água dourada, as cores do Brasil, a lembrança da Alemanha, pivô da segunda guerra, e irônica recordação inútil de um tempo que não voltará, pois já perdemos a ingenuidade.

II

A ética busca evitar a violência, mas o sujeito moral precisa querer liberdade, e não se submeter aos instintos, às paixões. Há que se reconhecer a existência dos outros, há que se agir com consciência, ser responsável, reconhecer-se, assumir consequência, seguir regras de conduta. *“Tu sabes como é grande o mundo/conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão./viste as diferente cores dos homens,/sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso/num só peito de homem...sem que ele estale(...) entre o fogo e o amor//Então, meu coração também pode crescer(...) –Ó vida futura!Nós te criaremos.” (em Mundo Grande”)*

Pressionado pelas questões sociais o poeta busca “As causas e os fins de sua ação, o significado de suas intenções e de suas atitudes e a essência dos valores morais.Sócrates afirma que apenas o ignorante é vicioso e incapaz de virtude, pois, quem sabe o que é bem não poderá de deixar de agir virtuosamente”, ensina a professora Marilena Chauí (1). “a conduta ética é aquela na qual o agente sabe o que está e o que não está em seu poder realizar, referindo-se, portanto ao que é possível e desejável para um ser humano. Saber o que está em nosso poder significa, principalmente, não se deixar arrastar pelas circunstâncias, nem pelos instintos, nem por uma vontade alheia”(2): *“Por isso me dispo,/ por isso me grito,/por isso freqüento os jornais, me exponho cruamente na s livrarias:/ preciso de todos” (Drummond em “Mundo Grande”)*.

O poeta sabe que o sujeito passional acaba vítima de si mesmo: *“Sou a vossa namorada/ que morreu de apendicite,/ no desastre de automóvel/ou suicidou-se na praia(...) morri sem ter tido tempo(...) o que era corpo foi comido pelo gato(em “Canção da moça -fantasma de Belo Horizonte”)*.

Como a moça-fantasma, o poeta representa ao mesmo tempo a vida e a morte. A realidade exterior lateja como lembrança, um sistema de objetos que pedem/ impedem nossa intervenção: *“os homens não me repetem/ nem me prolongo até eles./ A vida é tênue, tênue:/ o grito mais alto ainda é um suspiro, os oceanos calaram-se há muito” (em “Canção do berço”)*.

Controlando apetites, paixões, desejos e impulsos, evitando “usar” as pessoas e valorizando as relações sócio-políticas entre os seres humanos, ressaltando a integridade individual, evitaremos que o sujeito seja tratado como coisa. Se em Manuel Bandeira a aproximação da pobreza se dá pelo “viés da simplicidade” de modo evangélico, como ressaltou Silviano Santiago no posfácio para a edição de **“Farewell”**(3) , livro póstumo de Drummond.(Rio de Janeiro: Record,1998): “No caso de Drummond a simplicidade é um exercício ético que tem como campo de luta as palavras nas suas manifestações imperiosamente coloquiais(...) quebrando os tabus da dificuldade em se comunicar com o outro e semelhante(...) a comunicabilidade com o outro pela palavra poética, no caso com o leitor, é conquista e fracasso do individualismo e é, ao mesmo tempo, um ideal ascético de exigência introspectiva e de simplicidade humana, vale dizer

de responsabilidade cidadã e de aversão ao culto do escritor que, por exercer uma profissão dita nobre, difere dos outros.”(pp.111/112)

“Para onde vai o operário?Teria vergonha de chamá-lo meu irmão.Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca.E me despreza...Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos(...) agora está caminhando no mar. Eu pensava que isto fosse privilégio de alguns santos e de navios(...)sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre?(...) me dirige um sorriso úmido(...) Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados(...) quem sabe se um dia o compreenderei?” (em *“O operário no mar”*). A inquietação no reconhecimento da distância: “quem sabe um dia o compreenderei?” e do contato: “me dirige um sorriso úmido”, são características da obra do itabirano.

“Eis a tarefa do poeta, oposta em tudo e por tudo à palavra burocrática que, simulacro da justiça, articula falsa e alienadamente a fraternidade à cidadania(...) os exercícios éticos em poesia não são, diante do espelho, pedantes volteios da subjetividade em torno do umbigo; Têm a densidade de um corpo que ama, goza, sofre, se emociona, castiga, envelhece, envilece, orgulha-se”, ressalta Silviano (4).“*Não nos afastemos muito*”, pede Drummond.

“O estilo clássico literário, na modernidade, é o compromisso ético com o dicionário e a gramática, tomados na sua simplicidade de norma de norma de valor cidadão, contundente em seu manuseio pelos que dela necessitam para exprimir seus anseios de igualdade e justiça” (5) acentua ainda Silviano Santiago.

“Marx afirmava que os valores da moral vigente- liberdade, felicidade, racionalidade, respeito à subjetividade e à humanidade de cada um,etc.- eram hipócritas não em si mesmos (como julgava Nietzsche) mas porque eram irrealizáveis numa sociedade como a nossa(...) portanto tratava-se de mudar a sociedade para que a ética pudesse concretizar-se”, lembra a prof. Marilena Chauí(6). Já a psicanálise acha que sofremos os efeitos da história, mais que somos “autores” dela. E que a moralidade rígida, que produz valores e fins éticos, é às vezes responsável pela tortura que sofrem aqueles que pensam que esse ideal seria realizável.

III

Nos *silêncios* de **Drummond**, suas pausas, sua marcação cadenciada, há um ritmo que paradoxalmente **acalanta**, pela segurança intelectual, e **inquieta**, porque acusa a “carga de mentira que a linguagem veicula”, como sugere o professor Lourival Holanda ao analisar os textos de Camus e Graciliano Ramos, em “Sob o signo do silêncio” (São Paulo: EDUSP, 1992). Mesmo dominado por “um desejo maior que ele: o desejo da palavra” e tentando “silenciar a adjetivação(...) reforçar o conceito de *circunstancialidade*, tão caro aos existencialistas- somos contingentes e circunstanciais. Somos levados pelo emaranhado das circunstâncias(...) os fatos aí estão. E expostos quase na subtração de si- no estilo impessoal, a que Barthes chamou *neutro*”(7).

Nos seus textos é como se o itabirano dissesse que não gostava de surpresas: queria estar pronto e limpo. Queria que as coisas fossem bem esclarecidas. Sua depuração de um excesso verbal, *desemocionalização*, distanciamento, melhor convida a consciência do leitor pela reflexão que pela apatia. É como dizia o professor Lourival: “A nota moderna -buscar aprofundar a noção de realidade através da direção *escritural*- reflete esse tempo nosso, cindido. E ainda que não seja especificamente nossa/nova concepção (à crise da época, já Rabelais reagia assim) a construção sintática arrojada experimental (..) é sentida sempre quando um mundo decíduo a outro sucede(...) a reformulação da linguagem aponta a esperança da escrita(...) não é só o mundo que é outro(...) é outra a nossa relação com o mundo. A consciência semântica moderna apenas principia a apreender essa outra dimensão do real, que é a escritura. O aparelho perceptual dá lugar a um novo modo de ver(...) `é no aprofundamento da própria materialidade da linguagem´(Marguerite Yourcenar) que o escritor tenta dar voz àquela realidade. Isso lhe exige estar lucidamente *eixado* em sua própria *circunstancialidade* histórica”(8).

Talvez a inquietação de Drummond viesse do fato que mesmo buscando um código de ética que justificasse estarmos de “mãos dadas”, ele sabia que seu instrumento para enfrentar aquela guerra seria a poesia, a linguagem e que esta “sempre trai a realidade, porque nunca a representa inteira, como queriam primeiro os gregos(...) de que real a linguagem deveria dar conta?(...) Camus diz: `mentir não é só dizer o que não é; é também, e sobretudo, dizer mais do que é(e, no que concerne ao coração humano, dizer mais do que se sente)´”, ainda para ficarmos com Holanda(p.41). E adaptando as reflexões contidas no livro “Sob o signo do silêncio aos princípios do itabirano concluiríamos: “O caminho dos modernos está marcado por esse cuidado: já que a linguagem me pode levar onde não sei, preciso saber meus freios” (p.46).

“Uma simples gota de óleo/povoará o mundo por inoculação,/ e o espasmo/(longo demais para ser feliz)/não mais dissolverá as nossas carnes(...) a vida é ténue, ténue./O grito mais alto ainda é um suspiro,/os

oceanos calaram-se há muito(...) os lábios serão metálicos” (Drummond em “Canção do berço”).

As palavras devem ser dosadas, eficientes. O poeta coloca-se como carne e como máquina, “lábios metálicos”. Carlos reclamou que a vida de funcionário público não permitiu que ele vivesse como poeta, como o fez Vinícius de Moraes e, de certa forma, Bandeira. Mas tal funcionalismo parece ter-lhe incentivado respeitar o cidadão, lapidar um código de civilidade na sua comunicação.

Não muito distante da pragmática marxista, Drummond reclama às coisas prioridade. Apropria-se do mundo assim, sabendo que o excesso de sentimento pode converter, anular o discurso, torná-lo cômico. Sabia que a ética não é sentimental, é justa. Ao recriar as relações sociais da sua época, ele exibe um herói caminhando entre os destroços de um lugar a se reconstruído. “Esta cidade do Rio!(...)estou cercado de olhos(...) companheiros, escutai-me!” (em “A Bruxa”, no livro “José”). “Ó solidão do homem na rua!/Entre os carros, trens, telefones,/ entre gritos, o ermo profundo(...) a escuridão rompe com o dia(...) se uma tempestade de amor caísse!/as mãos unidas, a vida salva(em “O boi”). “Meu único corpo,/ é aquele que eu fiz(...) cobri com chapéu/calcei com borracha(...)-Que século, meu Deus!” (em “Edifício Esplendor”). “Acordei e vi a cidade(...)toda se queimava(...) o mau cheiro zumbia em tudo(...) nada sobrou(...) não posso ficar sozinho,/ a todos beijarei na testa(“Os rostos imóveis”).

A convenção lingüística quer que a palavra implique na busca da comunidade, e assim Drummond se integrou ao mundo: a fala tornou suportável este *mundo*, criou laços. O silêncio de recusa equivaleria, em sua negação, à morte, às trevas. Em dado momento Freud disse: “Quando alguém fala, é dia”.

IV

A guerra de Drummond foi, antes de tudo, intelectual: mente e sentimento, paixão e ordem racional, o eu e o outro. Na ausência da solução, a *persona lírica*, na solidão, recusa sucumbir à hecatombe, apega-se à reconstrução, pela linguagem, da dignidade, da ética. Transforma o “eu” em “nós”. Depura-se através da poesia. Analisa-se pelo outro. Não idealiza, tenta resolver sua angústia, incompreensão e *inadaptação* ao mundo, filtrando-as num coração autocrítico, universalista a argumentar contra o relativismo ético.

O “eu” e o “outro: esse encontro problemático(...)o homem só rompe seu isolamento no encontro, porque ele só é na relação com o outro, produzindo-se com o outro(...) a compreensão é um elemento básico dessa própria existência(...) a compreensão pode efetuar-se por diferentes meios: observando o modo de ser do outro, conhecendo sua vida, dialogando com ele” , esclarece Ricardo Bins de Napoli em “Ética e compreensão do outro(Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000), e cita Gadamer: “Quem compreende não recorre a uma posição (já) superior, mas aceita que a própria suposta verdade vai ser colocada à prova. Isso está contido em todo compreender, e por isso cada compreender contribui para aperfeiçoar a consciência histórico-efetual”(9).

Bins di Napoli diz: “através do diálogo, vamos construindo um lugar, no qual a verdade e a moralidade emergem(...)a questão é como devemos nos comportar eticamente, para convivermos com nossas diferenças(...)Dilthey defende deveres para com os outros: a integridade, que nos obriga a respeitar promessas estabelecidas, e a benevolência, que nos obriga a tratar bem os outros(...) ela, (a benevolência) se aproxima à máxima hermenêutica de compreender o outro, a partir dele mesmo”(10).

“O beijo ainda é um sinal, perdido embora,/da ausência de comércio,/boiando em tempos sujos(...) tal uma lâmina, o povo, meu poema, te atravessa” (“Consideração do poema”, em “A rosa do povo”). “Somos apenas uns homens/ e a natureza traiu-nos./Há as árvores, as fábricas,/doenças galopantes, fomes//Refugiamo-nos no amor,/ este célebre sentimento,/ e o amor faltou: chovia, ventava, fazia frio em São Paulo(...) Fiquei com medo de ti,/ meu companheiro moreno./ De nós, de vós; e de tudo./Estou com medo da honra//Assim nos criam burgueses./ Com nosso caminho traçado./Por que morrer em conjunto?/ E se todos vivêssemos?” (“O medo”, em “A rosa do povo”).

O que percebemos em Drummond é uma espécie de “*contratualismo moral*” que resulta da vontade do poeta em conviver bem, entender melhor o outro, como dissemos, em sua lógica. Não minimizando o modo de vida do outro nem o seu: resguardando a vida de ambos.

Com a palavra, Paulo Freire: “Diálogo é o encontro entre os homens, mediado pelo mundo, para nomear o mundo.”

“Já podes sorrir, tua boca/moldar-se em um beijo de amor./Beijo-te, irmão, minha dívida/está paga./Fizemos as contas, estamos alegres./Tua lâmina corta, mas é doce,/ a carne sente, mas limpa-se./O sol eterno brilha de novo/ e seca a ferida(...) O que perdi se multiplica/ e uma pobreza feita de pérolas/salva o tempo, resgata a noite./ Irmão, saber que és irmão,/ na carne como nos domingos(...) obrigado irmão, pelo sol que me deste” (“Movimento da espada” em “A rosa do povo”).

Eis a visão do poeta, a vida que fere, é a vida que cura, a desesperança e a esperança numa seqüência rítmica equilibram-se entre os versos drummondianos. A mão estendida que chama ou a mão que se espalma num (breve?) adeus. É Carlos, o que se partiu cristal não era.

Drummond redimensionou a condição do poeta. Não serviu ao modelo burguês, e, de certa forma, também não se curvou às expectativas das patrulhas ideológicas que teimam em forjar o papel social do poeta. Usou a metalinguagem para questionar a própria poesia e sua posição na estrutura social. Viu que a poesia engajada é inferior a poesia em si mesma. Nem dogmática nem maniqueísta, sua inadaptação social expôs a falta de um papel social mais definido para o escritor na sociedade brasileira no século XX. Antes de ser poeta social, ele preservou, ampliou e buscou melhorar a língua portuguesa falada no Brasil. À perplexidade contrapôs a busca. A realidade não lhe foi suficiente: recriou-a, tornou-a inteligível para si e para seus leitores. Não deixou que a Ética se sobrepusesse à Estética: equilibrou-as.

Bibliografia

1. CHAUI, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Editora Ática, 1994, p.341
2. Ibid., p.342
3. SANTIAGO, Silviano. Posfácio. In: Andrade, Carlos Drummond de. Farewell. Rio de Janeiro: Record, 1998, pp. 111-112
4. Ibid., pp. 113-114
5. Ibid., pp. 115-116
6. CHAUI, Marilena. Convite... p. 355
7. HOLANDA, Lourival. Sob o signo do silêncio. São Paulo: EDUSP, 1992, pp. 29-31
8. Ibid., p. 38
9. NAPOLI, Ricardo Bins di. Ética e compreensão do outro. Porto Alegre, 2000, p.263
10. Ibid., pp. 264-281
11. ANDRADE, Carlos Drummond de. Reunião: 10 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978